



Estande da galeria Gomide&Co e em parceria com a galeria Mapa, na Art Basel, e obras de Habuba Farah. A artista brasileira, que completou 90 anos, foi um dos destaques do Brasil

## A RETOMADA DA ART BASEL

O maior evento de arte do mundo se refaz na sua edição americana em Miami Beach, e o mercado de arte tem seu primeiro avanço consistente para o novo normal, em formato híbrido e crescimento das vendas on line

por BIANCA CUTAIT, de Miami

Chegamos ao fim de um ciclo novo de abertura após tanta clausura. Depois de meses de nervosismo e questionamentos incômodos, o mercado de arte teve seu primeiro avanço consistente para o novo normal que poderemos passar a viver. Com milhares de participantes ansiosos pelo contato presencial que as feiras de arte fornecem, Miami Beach Art Basel finalmente se refez, ostentando postura de excelência e deixando todos os olhares, até então quase que incrédulos, soberbos com a entrega. O maior evento de arte do mundo passou por dois hiatos desde que iniciou sua edição americana. O primeiro foi logo após os atentados terroristas de 11 de setembro, e o segundo foi durante a pandemia. Mesmo com o suntuoso aumento de vendas online realizadas através dos chamados OVRs (Online Viewing Rooms), as feiras de arte e os

leilões conseguiram manter a resiliência necessária que criaram ao longo dos meses em que estivemos buscando tal resiliência por todos os lados. Mas o que realmente impressionou na edição de 2021 não foi apenas a qualidade estética das obras expostas, e sim a postura e a ferocidade com que este mercado se reergueu. Confesso que havia estado um pouco receosa de como este mercado tão novo, e ao mesmo tempo tão historicamente sólido, iria se comportar. Mas Art Basel superou todas as expectativas, começando pelos protocolos de saúde estritos, mas com o formato híbrido, e principalmente pelo esmero de cada participante, de cada galeria levando seu melhor, de cada negociação, e de cada

colecionador satisfeito saindo do Covention Center feliz com suas escolhas. O formato híbrido, já visto em outras edições de outras feiras, veio para ficar. A arte latina está cada vez mais forte e artistas de alto padrão estão sendo apresentados e reintroduzidos para o público mais exigente que existe. Ver as galerias brasileiras e latinas principalmente entrando com tudo, tem sido muito gratificante, e todas com um fator determinante para o sucesso: consistência. As plataformas de apoio de vendas como *artsy* e *artnet* hoje já se tornam uma chancela necessária para validar galerias e eventos (mesmo que virtuais). Há um mundo novo e empolgante para os artistas, enquanto para galeristas e advisors, um longo caminho de novidades tecnológicas para trilhar. Antes da pandemia forçar os artistas a aprenderem como fazer arte dentro de casa, já estávamos começando a ver despontar uma pequena parte de um iceberg chamado arte digital, o que nada mais é do que uma técnica, como pintura em óleo ou escultura em madeira, fotografia em gelatina de prata ou "cire perdue" em bronze. Mas aí eis que surgem os NFTs e os *blockchains*, e a arte digital passa a ser comercializada dessa forma. E nesse novo formato, quem são os personagens do mercado? Os artistas passaram a ser mais exigentes com seus trabalhos, pois estão competindo com uma avalanche de informações e de opções de outros artistas, muitos deles já com seus agentes. Os curadores passaram a se qualificar formalmente. Os advisors hoje têm formação financeira quase que obrigatória. Os galeristas têm sócios investidores e os *marchands* foram forçados a ter mais transparência em suas transações. Os leilões cada vez mais se globalizaram, mas acertam nas negociações feitas através de especialistas. A quantidade de informação é intensa, e por isso a função dos advisors passou a ser cada vez mais valorizada. A relevância do posicionamento dos artistas dentro de um contexto internacional e globalizado faz com que a competição se acirre, e conseqüentemente, que a qualidade aumente. O mercado de arte exige a qualificação constante de todos esses players que estão sendo colocados em xeque. E antes de terminar, gostaria de fazer um adendo para você, caro leitor, que não está me ouvindo, mas sim lendo este texto. O nome da feira é Art Basel porque se iniciou na cidade suíça de Basileia. Se pronuncia Baaaaasel, não Belsil, nem Basil, muito menos Bésel. **Bianca Cutait é art advisor em Miami**